

Zilda Maria Beltrão Fraletti

Graduou-se em Psicologia, mas seguiu o caminho das artes. Morou em Londres onde aprofundou seus estudos sobre o tema e trabalha como marchande há 27 anos. Fundou em Curitiba a primeira galeria de arte contemporânea, que leva seu nome. Foi presidente do Núcleo Paranaense de Decoração e na Lush, divide sua experiência e impressões a respeito do desenvolvimento de novos artistas e da constante mutação que vive o mundo das artes plásticas. - zildafratetti@revistalush.com.br -



Anita Malfatti

Nestes tempos em que a arte é valorizada principalmente por romper com o estabelecido e despertar novas sensações, a obra de Anita Malfatti impressiona por sua atualidade. Polêmica desde o início de sua produção, ela teve a coragem de inovar e deflagrou, assim, o movimento de renovação estética da arte moderna no Brasil.

Anita Malfatti nasceu em São Paulo em 1889, filha de pai italiano e mãe americana, e morreu em 1964. Aos três anos foi submetida a cirurgia para tentar corrigir um defeito congênito no braço direito, mas a cirurgia não possibilitou o desenvolvimento dos movimentos, obrigando-a a treinar o braço esquerdo para todas as atividades. >

A mãe, pintora amadora, orientou os primeiros estudos artísticos da menina, que demonstrou desde cedo um talento tal que motivou o tio a enviá-la a Berlim, em 1910. Matriculou-se na Academia Real de Belas Artes, mas a verdadeira transformação ela experimentou ao visitar a exposição da Sounderbund (Grupo de Pesquisa), realizada pelos rebeldes, desligados do academicismo ensinado nas escolas. Procurou-os e teve aulas de pintura livre e gravura em metal.

Em depoimento de 1939, Anita descreveu assim esses primeiros tempos na Europa: *"Em Berlim continuei a busca e comecei a desenhar. Desenhei por seis meses, dia e noite. Um belo dia fui com um colega ver uma grande exposição de pintura moderna. Eram quadros grandes. Havia emprego de quilos de tintas, e de todas as cores. Um jogo formidável. >*



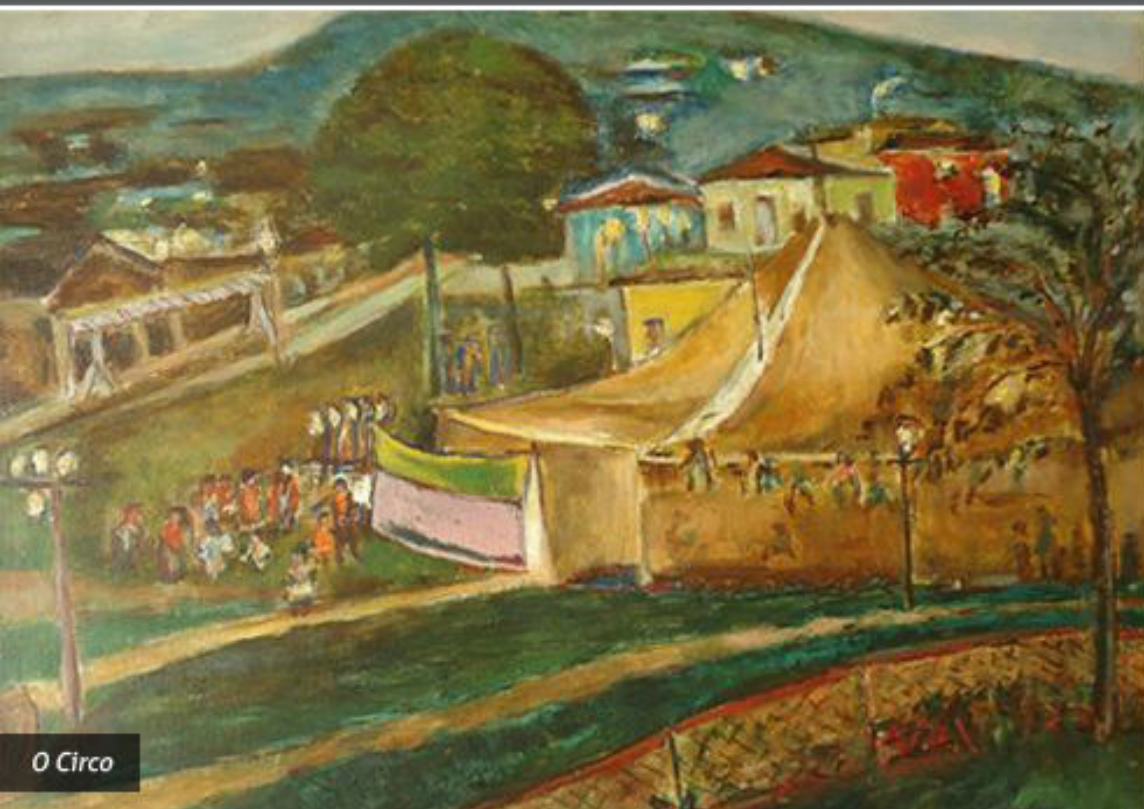
Chinesa



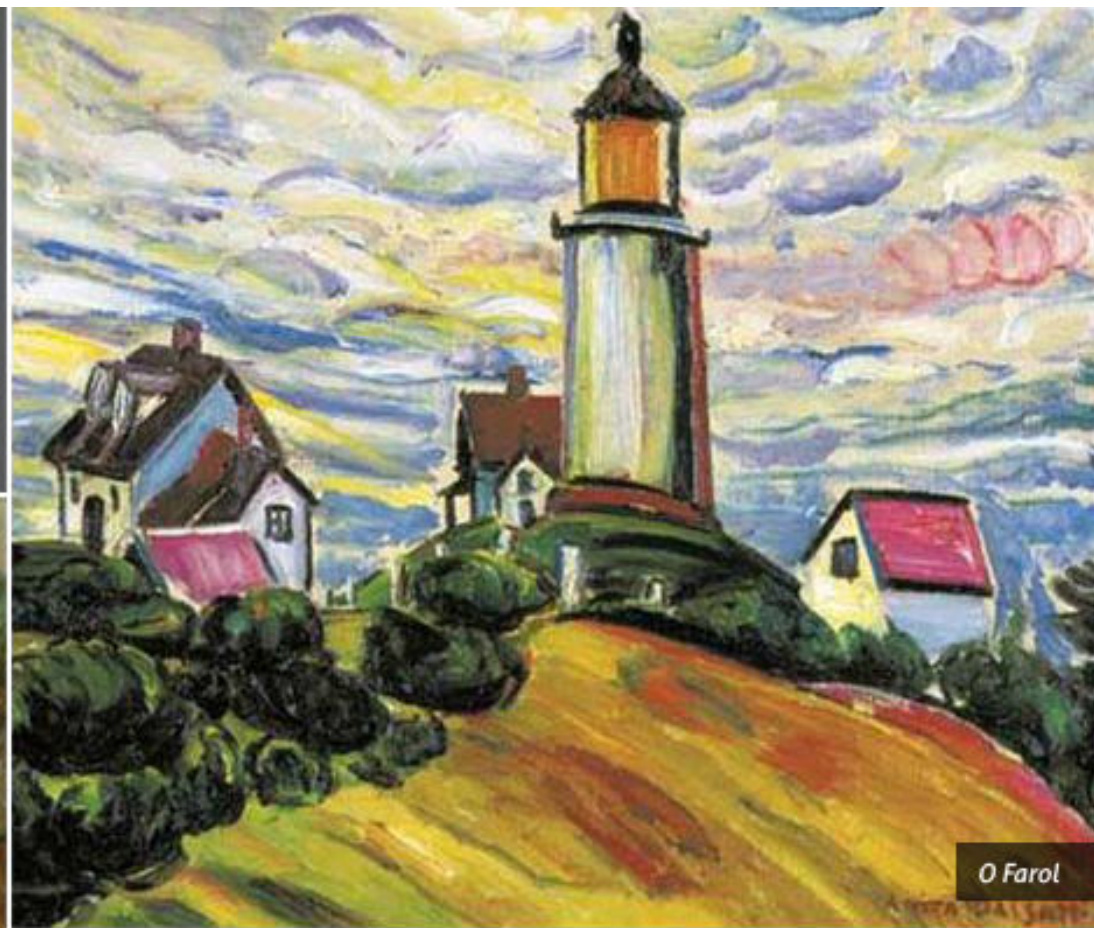
A Japonesa

Uma confusão, um arrebatamento, cada acidente de forma pintado com todas as cores. O artista não havia tomado tempo para misturar as cores, o que para mim foi uma revelação e minha primeira descoberta. Pensei: o artista está certo. A luz do sol é composta de três cores primárias e quatro derivadas. Os objetos se acusam só quando saem da sombra, isto é, quando envolvidos na luz.

Tudo é resultado da luz que os acusa, participando de todas as cores. Comecei a ver tudo acusado por todas as cores. Nada neste mundo é incolor ou sem luz”.



O Circo



O Farol

Em 1914 foi para os Estados Unidos e matriculou-se na Art Students League, uma associação desvinculada das academias, onde teve a liberdade de pintar o que desejasse, com toda a força própria de criação, sem quaisquer limitações estéticas. Foi esse período que marcou a fase mais brilhante de sua criação, tendo sua arte reconhecida por mestres e por um público que entendia a emoção contida em suas obras. >

Voltou ao Brasil e em 1917 provocou escândalo em São Paulo ao exibir 53 trabalhos ousados. Monteiro Lobato reagiu ao experimentalismo da artista com um artigo, hoje célebre, chamado "Paranóia ou mistificação?", no qual compara o trabalho de Anita aos "desenhos dos internos dos manicômios". Outros críticos também protestaram contra ela. Mas o ataque do renomado escritor, que nem sequer foi ver a exposição, promoveu e consagrou Anita.

No entanto, estas duras críticas deixaram marcas em sua personalidade tímida, levando-a a forte depressão. Abandonou a arte por um ano e em seguida passou a ter aulas com mestres conservadores; mas instigada por amigos recuperou-se e, em 1922, ela e outros poetas, escritores e intelectuais promoveram a Semana de Arte Moderna. Ela fazia parte do Grupo dos Cinco, ao lado de Mario de Andrade, Tarsila do Amaral, Oswald de Andrade e Menotti del Picchia. Desde então, a arte no Brasil nunca mais foi a mesma.



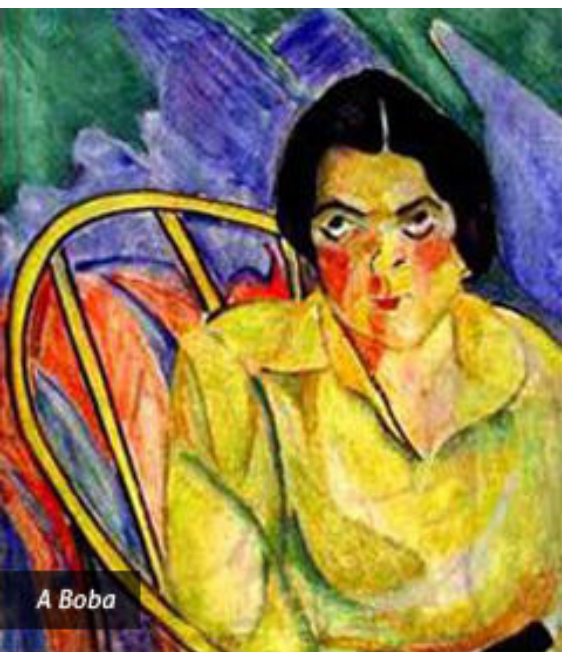
Obra de Anita Malfati reprovada por Monteiro Lobato

ANITA MALFATI

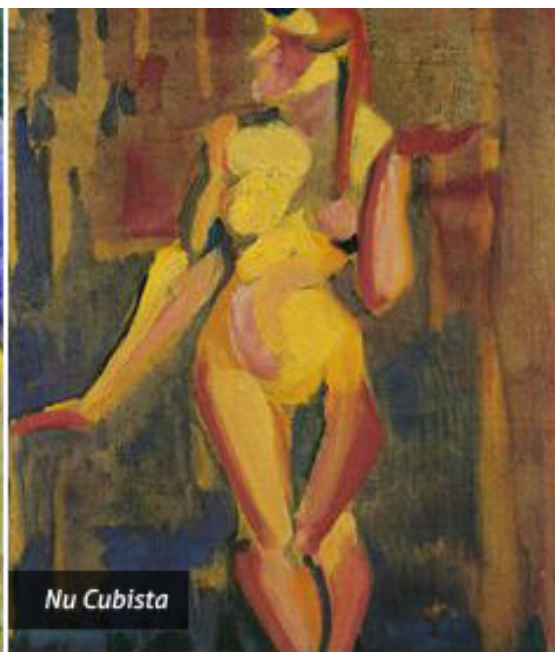


Tropical

Mário de Andrade diz: *"foi ela, foram os seus quadros, que nos deram uma primeira consciência de revolta e de coletividade em luta pela modernização das artes brasileiras."* Após a Semana de 22, ganhou bolsa de estudos e foi estudar em Paris, onde se encontrou com Tarsila do Amaral, Oswald de Andrade, Brecheret e Di Cavalcanti. Voltou em 1928, com a confiança recuperada, mas sem disposição para se atirar em novas aventuras. Passou a lecionar pintura. As mostras individuais que realizou, de 1937 a 1939, chamavam a atenção pelo ecletismo do estilo, com influências primitivistas, acadêmicas e modernistas, desconcertando críticos e colegas. >



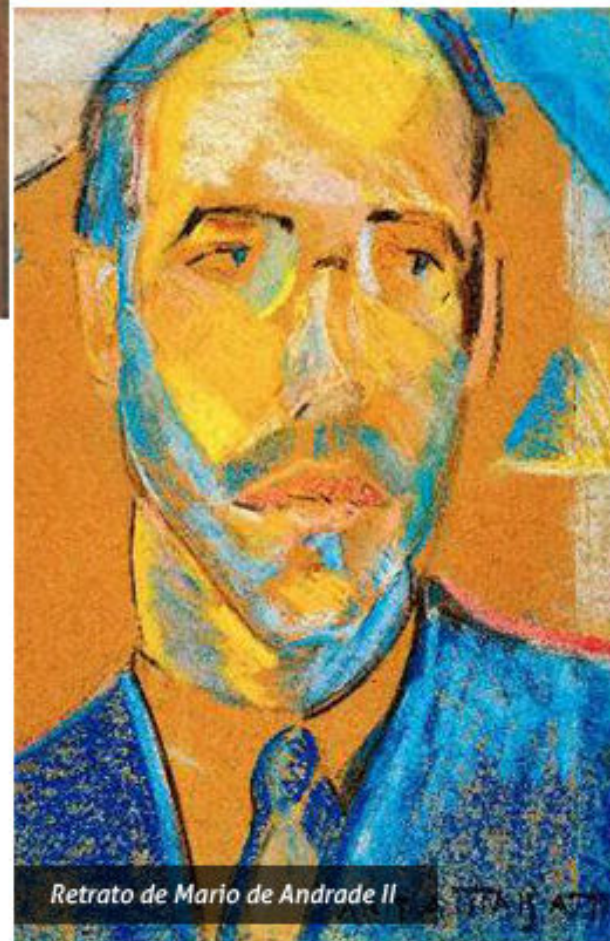
A Boba



Nu Cubista

O Museu Oscar Niemeyer apresenta até o dia 29 de janeiro de 2012 uma exposição que reúne cerca de 100 obras da artista, possibilitando uma visão quase inédita de toda a sua trajetória com algumas de suas obras mais importantes e significativas (algumas jamais expostas publicamente). A curadora Luzia Portinari Greggio reuniu obras que vão do início da carreira, em 1909, até o final. Segundo a curadora, os períodos mais férteis da artista foram nos anos de 1915 e 1916, quando morou nos Estados Unidos, e de 1923 a 1928, quando estudou em Paris. *"O trabalho nos EUA deu fruto à exposição de 1917, com um cunho expressionista. Já em Paris, ela pôde conviver com um momento cultural muito interessante"*. Mas ela acredita que foi no final da carreira que Anita teve sua fase mais criativa, pois sentiu-se livre para pintar como quisesse. *"Foi uma resposta a todas as críticas que recebeu durante a vida"*, acredita a curadora.

Anita Malfatti foi homenageada com uma sala especial na VII Bienal de São Paulo, em 1963. Em 2010 foram realizadas duas grandes exposições de suas obras, em São Paulo (50 mil visitantes) e no Rio de Janeiro (70 mil), que figuram no ranking das maiores exposições do mundo, elaborado pela revista britânica " The Art Newspaper". ▲



Retrato de Mario de Andrade II



A Estudante Russa